



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Caldeira de Andrada, Edla Grisard
Novos Paradigmas na Prática do Psicólogo Escolar
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 18, núm. 2, maio-agosto, 2005, pp. 196-199
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18818207>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Novos Paradigmas na Prática do Psicólogo Escolar

Edla Grisard Caldeira de Andrada¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

Este trabalho reflete acerca das implicações paradigmáticas envolvidas na prática do Psicólogo Escolar nos dias de hoje, modificada radicalmente ao longo de sua história voltando-se para uma prática relacional, baseada em um pressuposto de construção histórica e social. Entretanto, quando este profissional adentra uma instituição educacional, depara-se com inúmeras dificuldades, falta de compreensão de outros profissionais da educação acerca do papel do psicólogo na escola; manutenção de uma prática individualista (o problema está no aluno ou na sua família), caracterizando um pensamento cartesiano e linear de causalidade. Por essas posturas, poderá criar espaços de reflexão junto aos sujeitos da escola, visando criar condições mais justas de existência. A partir de um histórico-cultural e da teoria sistêmica, apresentam-se formas de criação destes espaços de reflexão acerca dos problemas educacionais. Os resultados apontam para uma nova prática do profissional de psicologia escolar.

Palavras-chave: Psicologia escolar; teoria sistêmica; psicologia histórico-cultural.

New Paradigms on the School Psychologist's Practice

Abstract

This article is a reflection on the paradigmatic implications involved on the practice of the school psychologist, which has been modified towards a relational practice, based on the presupposition of the historical social constitution of the human being. However, when this professional works in an educational institution faces several difficulties, such as: lack of comprehension from the other professionals about the role of the psychologist at school; maintenance of an excluding and individualist practice (the problem is the student or in his family), characterizing a linear and Cartesian thought. However, confronting practices, the school psychologist can create spaces of reflection in order to think together with school board on better and fair existing conditions. Based on the presupposition of historical psychologist as well as the systemic theory, new forms of creation of these situations are presented and the results point to a new practice of the school psychologist.

Keywords: Educational psychology; systemic theory; cultural-historical psychologist.

Apesar de a Associação Brasileira de Psicologia Escolar/Educacional (ABRAPEE: www.abrapee.com.br) considerar como Psicólogo Escolar aquele cuja atuação se caracteriza mais pela intervenção na prática, enquanto que a dos psicólogos educacionais, geralmente, se direciona para as áreas de ensino e pesquisa², considero impossível o trabalho do Psicólogo Escolar, sem esse olhar do pesquisador, que observa, analisa, avalia e escreve novas possibilidades de atuação, principalmente quando observamos a atual conjuntura da Psicologia Escola/Educacional no país, onde ainda se busca sua identidade a nível curricular e principalmente na sua prática institucional. Por isso, utilizarei neste artigo o termo Psicólogo Educacional para todo e qualquer especialista que atue no âmbito educacional, especialmente o de ensino regular público.

Convém lembrar que as especialidades do profissional de

e apresentadas às entidades nacionais que representam a área, para revisão e reformulação.

Dentre as especialidades, encontramos a do Psicólogo Educacional, cuja atuação deve estar no âmbito da prática, realizando pesquisas, diagnóstico e intervenção preventiva e corretiva individualmente. Envolve, em sua análise e intervenção, o sistema educacional que participam do processo de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, entendendo o trabalho do Psicólogo Educacional como acima descrito, este artigo contempla os aspectos da prática quando se trata desta especialidade ao longo da história do Brasil, assim como sua conseqüente prática atual. Serão contempladas as dificuldades atuais do Psicólogo Educacional e se encontra atuando em Escolas da Rede Pública. O objetivo é nelas busca firmar a identidade desta especialidade.

psicologia do desenvolvimento infantil, do excepcional, psicologia diferencial, da aprendizagem, os testes e as medidas, centralizando os problemas de aprendizagem no aluno e concretizando a existência de uma norma, de um padrão de aprendizagem e desenvolvimento considerado normal, adequado e esperado.

Durante muito tempo, permaneceu a idéia de que a prática desse profissional, cujos instrumentos iniciais eram testes para medir a capacidade dos alunos, separando os aptos dos não aptos para a aprendizagem, caracterizando um pensamento excludente, moderno e linear, ou seja, de causa e efeito.

Os testes parecem ter dado lugar à lei do diagnóstico ou laudo: um papel que não explica ao leigo os motivos que levam determinado aluno ao tão famoso “fracasso escolar”. Além disso, conforme relata Souza (1997):

a maioria dos psicólogos que emitem laudos psicológicos a respeito das crianças com dificuldades escolares desconhecem a força desse instrumento no meio escolar. Como avaliou Patto, ao estudar casos de multi-repetentes, a avaliação de um profissional de psicologia sela destinos. (p.26)

Utilizando-se de testes ou laudos, sem ética alguma, retirando o aluno da sala para readaptá-lo, para corrigi-lo, todo o fracasso é colocado nos ombros do aluno, que isolado na sua deficiência deve alcançar sucesso por vontade própria, sendo seu destino para sempre selado. É a ordem da moderna ciência da psicologia: excluir para adaptar às categorias universais.

O texto de Soar Filho (1998) apresenta uma reflexão importante acerca de como a ciência moderna e suas categorias universais e válidas para todas as situações e contextos encontram-se atualmente em xeque. Segundo o autor:

não só elas (as categorias) estão sob suspeita, mas o modelo de ciência como um todo, o qual apontava para o ideal da racionalidade, objetividade e neutralidade do conhecimento, e cujo método baseava-se na decomposição dos fenômenos em relações simples de causalidade, na elaboração das leis gerais, na verificação empírica e na replicabilidade dos resultados. (p. 86)

Se seguirmos este pensamento, ou seja, de que um fenômeno isolado é a causa de outro fenômeno, inúmeros argumentos nos servem de explicação para o fracasso do aluno: família desestruturada, baixa capacidade de concentração, deficiência mental, incapacidade

do aluno de sua dificuldade, pouco poder da escola, ou seja, a não ser retirá-lo da sala de aula e levá-lo para fora do contexto de sala de aula.

Segundo Kupfer, no entanto, a psicologia educacional podia finalmente ater-se às vozes dos determinantes sociais sobre os problemas de aprendizagem (1997, p. 52) e partilhando destas com a mesma visão acerca dos problemas da sua prática. A escola, porém, criada pela própria psicologia: a psicologia educacional deve trabalhar com o aluno desviante, para que este se adapte à escola, e não, enfim, à escola como um todo.

Um outro paradigma

A famosa “crise da Psicologia”, que se iniciou na Rússia do início do século passado, e que se refletiu na atual prática pedagógica nas instituições educacionais quando se trata da psicologia educacional e suas perspectivas. Vygotsky (1979, 1984) trouxe um conhecimento acerca de como aprendem os seres humanos no seu processo de aprendizagem, considerando as possíveis limitações orgânicas e/ou funcionais, em termos de como pensamos os seres humanos, aceito por décadas. Quando antes se via o aluno fora de seu contexto social, hoje se vê o aluno na escola sem esse olhar de Vygotsky sobre os processos psíquicos superiores. (ver Soar Filho, 1998)

Entretanto, apesar de os achados da psicologia darem outro rumo à Psicologia e de se abrir uma nova perspectiva de pensamento acerca da aprendizagem, a Psicologia Educacional ainda em crise. Justamente esta especialidade da psicologia de aprendizagem e o contexto escolar.

Pode-se citar como fatores de mudança a demanda que é enorme. Há muitos alunos “adaptados” ao objetivo final da educação científico elaborado historicamente. Há muitos dos profissionais da educação que ainda no paradigma de normalidade X anormalidade.

todo é maior que a soma das partes, ou seja, o funcionamento do sistema não pode ser entendido a partir do funcionamento de um só indivíduo); integridade de subsistemas (os sistemas possuem subsistemas que são integrados, relacionados uns aos outros); circularidade (todos os componentes influenciam-se mutuamente) (ver Schaffer, 1996, p. 205).

Para Tilmans-Ostyn e Kínoo (s/d):

O pensamento sistêmico funciona segundo um modelo circular. Isto significa que o lugar, o momento no qual situamos o início de um processo interacional, para daí deduzir uma compreensão, é totalmente arbitrário. Para iniciar a compreensão de tal processo, podemos ver outras coisas. A questão de saber quem começou, quem é a causa, não tem portanto sentido neste modo de pensamento. (p. 3)

Dessa forma, para compreendermos o processo interacional é preciso considerar diversas causas, assim como a função que determinado problema está exercendo neste processo. Tilmasn-Ostyn e Kínoo (s/d), ao avaliar o processo relacional familiar, segue afirmando que:

... o enfoque sistêmico tanto na investigação como no trabalho clínico têm mostrado como o sintoma apresentado pelo paciente identificado é uma solução para manter a unidade e o equilíbrio funcional familiar neste momento determinado. Isto significa que num primeiro momento o objetivo do médico não será necessariamente a superação do sintoma, mas de buscar o sentido positivo que este sintoma pode ter para a família (p. 3).

Com esta revolução no pensamento, o aluno não pode mais ser visto como sujeito dotado de problemas, como um ente separado do sistema relacional (família e escola), mas como um sujeito relacional. O Psicólogo Educacional não mais possui hipóteses “verdadeiras” sobre os problemas do aluno, tampouco se faz neutro na escola e nas relações que ali estabelece, pois sua simples presença já modifica o sistema observado (ver Soar Filho, 1998, p. 88). Além disso, precisa aceitar a idéia de que uma dificuldade de aprendizagem pode estar exercendo alguma função em um dos sistemas no qual o aluno vive.

Assim, o Psicólogo Educacional que se baseia no novo paradigma já não pode mais eleger um único modelo de explicação para as dificuldades de aprendizagem, como, por

a) aplicar conhecimentos psicológicos na prática pedagógica, ao processo ensino-aprendizagem, em análises diagnósticas psicopedagógicas; referentes ao desenvolvimento do aluno às relações interpessoais e à integração familiar e escolar, para promover o desenvolvimento do aluno;

b) analisar as relações entre os diversos setores da escola, de ensino e sua repercussão no processo de aprendizagem, para auxiliar na elaboração de procedimentos pedagógicos capazes de atender às necessidades individuais dos alunos;

Inúmeras perguntas surgem a partir de uma leitura crítica e histórica da prática do Psicólogo Educacional, das questões acima mencionadas. Tais perguntas podem ser acrescidas: como promover o desenvolvimento integral do aluno através de intervenções psicopedagógicas mais adequadas ao contexto da família no processo de aprendizagem? Como atender às necessidades individuais dos alunos no atual sistema educacional? Como lidar com a crise atual da psicologia educacional diante da impossibilidade de responder tais perguntas a partir de um modelo que até então regia nossa prática.

Para diferenciar-se, portanto, o Psicólogo Educacional, ao entrar numa instituição escolar, consciente do seu papel e de sua especialidade, precisa de início mostrar-se disponível. Uma reunião inicial com a equipe pedagógica, com os professores, supervisores e direção, assim como com os pais, é necessária, não só para colher dados concretos sobre o problema, mas principalmente para demonstrar que o psicólogo tem, o que pensa acerca do problema, e que estratégias diferenciadas de intervenção podem ser esperadas no atendimento individual na sala de aula.

Da mesma forma, o Psicólogo Educacional precisa criar um espaço para escutar as demandas da escola e perceber as situações que são cotidianas. Precisa criar um espaço dentro da escola, com todos os sujeitos (alunos, professores, especialistas) para que se possa trabalhar com novos paradigmas.

Ele precisa ouvir os alunos, o que pensam sobre o problema, sua turma. Isso pode ser feito através de diálogos, onde os alunos para que escrevam o que pensam, sentem, vivem, e assim, através

Referên

desta dificuldade neste momento do ciclo vital da família e criar estratégias para possibilitar o sucesso da criança. Confrontar família e professor quando necessário, criando um espaço de diálogo franco acerca das dificuldades de todos, não só do aluno, diluindo nos sistemas a “culpa” pelo fracasso escolar. Assim, outra armadilha é enfraquecida: *a culpa sempre é da família*.

A participação do Psicólogo Educacional está no cotidiano da escola, nas reuniões de conselho de classe, onde poderá estabelecer novas maneiras de olhar os alunos, evitando rótulos, diagnósticos imprecisos e hipóteses únicas. Deverá também participar do processo de construção do Projeto Político Pedagógico da escola.

Estudar e investigar o histórico escolar deste aluno indesejado ajuda muito, às vezes sua história de fracasso escolar é proveniente de outras instituições e pode ser revertido se toda a equipe de profissionais se reconhecer como agente de transformação social. O Psicólogo Educacional, questionador, curioso e acima de tudo assumindo uma posição de “não saber”, pode criar junto à equipe uma estratégia de intervenção colaborativa, onde todos têm influência sobre o aluno, assim como sofrem influência mutuamente.

Finalmente, precisa ter a cautela para diferenciar problemas e para que as soluções sejam as mais justas e eficazes, ou seja, se um aluno é portador de necessidade especial, certamente um olhar organicista poderá ajudar na criação de estratégias de intervenção. O que aqui desejo afirmar é que não se pode descartar a possibilidade de existência de problemas de ordem congênita ou familiar, mas não justificar todo e qualquer comportamento inesperado de um aluno como fator de desajuste do próprio aluno.

- Kupfer, M. C. M. (1997). O que toca a/à Psi
M. P. R. Souza (Orgs.), *Psicologia escolar*.
Paulo: Casa do Psicólogo.
- Patto, M. H. S. (1997). *Prefácio de psicologia es*
Paulo: Casa do Psicólogo.
- Seidl de Moura, M. L. & Ribas, A. F. P.
sociocultural: A gênese da atividade m
Psicologia: Reflexão e Crítica, 13, .
- Souza, M. P. R. (1997). A queixa escolar e o
Em A. M. Machado & M. P. R. Souza
novos rumos (3ª ed.). São Paulo: Casa do
- Soar Fº, E. J. (1998). Novos paradigmas da
pós-modernas. *Psicologia: Teoria e Pesq*
- Tilmans-Ostyn, E. & Kinoo (s/d). *Alguma*
médica cotidiana. Hospital: Herminio V
Familiar.
- Vygotsky, L. S. (1983). *Obras escolhidas* (Vol. I
- Vygotsky, L. S. (1998). *A formação social da m*
- Vygotsky, L. S. (1979). *Historia del desarol*
Habana/Cuba: Científico-Técnica.